

Avós do Brasil

Nelson Rodrigues já dizia que "o jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um: o da imaturidade". Mesmo assim, nos dias de hoje, a jovialidade tem maior valor social que a experiência. Esquecemos cada vez mais daqueles que viveram o que nós nunca viveremos. Aqueles da terceira idade, que tiveram experiências únicas. Histórias para contar que talvez nunca se repitam. A sociedade do século XXI volta a passos largos para os moldes da sociedade do século XIX, quando alguém com 40 anos já era considerado "velho", alguém para ser deixado de lado, no limbo do esquecimento.

De acordo com o estudo "Projeção de População do IBGE", de 2004, em 2050, os maiores de 65 anos no Brasil, que hoje são 6% da população, serão 18%, número que se igualará ao de jovens de 0 a 14 anos (que hoje são 30%, de acordo com o mesmo estudo). Em termos absolutos, serão mais de 13 milhões de habitantes de cada uma das duas faixas etárias.

Cada vez mais os maiores de 60 anos optam por seguir uma vida longe dos "cronologicamente" jovens. É o que confirma o poeta e músico Sebastião Borges, 85 anos, que hoje mora no Lar Padre Euclides. "Se eu ficasse na casa do meu filho, ficaria sozinho o dia inteiro, enquanto ele e a minha nora trabalham, pois lá não tem ninguém para ficar comigo. Já aqui, posso viver tranquilo com pessoas da mesma idade que eu", diz.

Há a dona de casa Ofélia Giarola, 91 anos, que pratica sagradamente seu crochê vespertino. Há 20 anos morando no Lar, ela diz que não sai dali por nada. Lá vivem os amigos e conhecidos. "E ainda de vez em quando aparecem uns jovens para conversar comigo. Adoro eles. Assim como temos muito a ensinar, eles também têm" comenta Ofélia.

Particularidade

Cada um de nós tem uma história interessante de vida para contar, mas poucos podem dizer que compartilham da mesma história de Marco Antonio da Silva, 70 anos, mas que segundo ele, sente-se com 45 e vive atualmente em sua própria casa, em Ribeirão Preto.

Natural de Barbacena, Minas Gerais (aquela do Joselino, da Escolinha do Professor Raimundo), Marco viveu boa parte da infância na favela. É filho de pai magarefe (aquele que trabalha no matadouro dando o golpe de misericórdia nos bovinos) e mãe lavadeira. Só entrou na escola aos 12

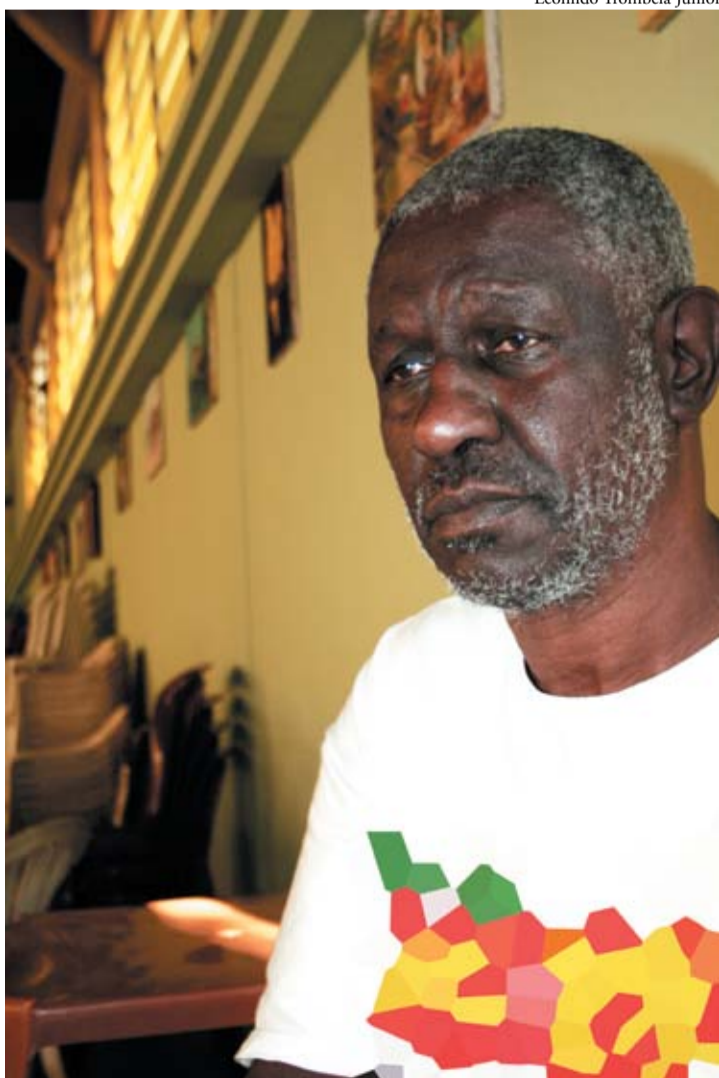
anos. Aos 16 já havia terminado o primeiro grau. Voraz por conhecimento, não poderia ficar os básicos oito anos com os demais, seria uma negligência do sistema educativo.

Aos 18 anos, tornou-se recruta da Polícia Militar de Minas Gerais. Optou por essa carreira por temer os ônus que enfrentaria caso fosse para o Exército (havia uma lenda na época que todo recruta que entrasse para o serviço militar, teria de trabalhar na lavoura de arroz em Caçapava, interior de São Paulo). Pouco tempo depois, tornou-se sargento. Assim que conseguiu um cargo melhor, foi estudar Contabilidade. Queria dar o exemplo. "Quando eu quisesse cobrar um filho meu, o que eu iria dizer a ele? Teria de dar o exemplo para fazê-lo seguir em frente nos estudos."

Insatisfeito e ávido por conhecimento, já formado em Contabilidade, foi ainda cursar Direito. Formou-se em 1979 na sua segunda faculdade, mas só colou grau em 1986, devido aos encargos militares. Tornou-se professor de Direito para os novos recrutas da PM mineira, em Passos. "Já dei aula pra tanta gente... Hoje, muitos estão em cargos altos, muito acima do meu, mas mesmo assim, mantêm contato constante comigo e me tratam com respeito" ressalta.

Mesmo contra todas as possibilidades (e dificuldades), até aí a história de Marco Antonio não será a primeira nem a última de um brasileiro. O que o diferencia de boa parte dos demais é seu legado. Portador de uma humildade ímpar, diz que, além de seus quatro filhos de sangue, pegou outros 14 (sim, quatorze!) para cuidar. "Nunca na minha casa comprei menos de 40 quilos de arroz por mês. Não queria que nenhum dos meus filhos passasse as dificuldades por que

Leonildo Trombela Junior



Marco Antônio da Silva: Um minuto a mais...



Vitor Pasqualim

Diversão não tem idade.

eu passei na infância".

O altruísmo de Marco Antonio fez escola. Uma de suas filhas já pegou três crianças necessitadas para cuidar (além da filha biológica). Hoje, Marco diz que sua casa está mais "vazia", pois os filhos cresceram e não costuma se ver mais que 10 pessoas na casa, visto que cada um foi para um lado e fez sua vida, seguiram suas próprias jornadas.

A próxima jornada (aquela que todos seguiremos um dia) não é tabu para esse senhor que segue a doutrina espírita: "Olha, quando eu voltar na minha próxima reencarnação, espero ajudar mais pessoas do que nesta. Se eu não voltar, onde estiver, farei o possível para que isso aconteça. É por isso que pavimento a estrada da vida da melhor maneira possível a cada dia. Se não pavimentarmos uma boa estrada, não conseguiremos chegar aos nossos objetivos".

Quando questionado se houve retorno por tudo que fez – e faz, se valeu a pena, ele logo rebate: "Nada que fiz foi por retorno algum. Tudo que fiz foi para ver os meninos alegres. Se eles estiverem alegres, esse é o maior retorno que eu poderia ter".

De discurso sereno e alegre, Marco completa: "Nada é fácil na nossa vida. Vivemos 1 minuto de alegria e 10 horas de tristeza. Se com tudo isso que fiz e espero fazer, eu puder ter 2 minutos de alegria e 9 horas e 59 minutos de tristeza, já me sentirei realizado".

Mundo à parte

O distanciamento das pessoas de terceira idade em relação aos demais setores da sociedade é cada vez maior. No Núcleo de Atendimento à Terceira Idade de Ribeirão Preto, onde há mais de 1300 cadastrados, pode-se dizer que lá existe uma "sociedade" à parte.

De acordo com a assistente social Marília Borragini, existe um comitê gestor do Núcleo formado por seis pessoas, duas da Prefeitura e quatro frequentadores do Núcleo, eleitas. "Há um processo eleitoral com urnas, contagem de votos e os demais caminhos democráticos", diz a assistente.

Após sete anos de tramitação na Câmara dos Deputados, em setembro de 2003 foi aprovado o Estatuto do Idoso, que dentre vários direitos assegurados, diz no Capítulo IV, Artigo 5º, Parágrafo 2 que **"Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso contínuo, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação"**. Logo em seguida, no Parágrafo 3, é dito que **"É vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade"**.

Dignas do comparecimento maciço de seus frequentadores, as eleições do local são amplamente festejadas. Marília Borragini comenta que tal empolgação acontece pela proximidade pessoal entre eleitor e eleito. "Além disso, o frequentador vê de imediato o resultado do trabalho do comitê gestor, sem burocracia".

Além do dominó

Quando se fala em "jogos" e "terceira idade" na mesma frase, logo vem a imagem de um grupo de senhores reunidos na praça jogando dominó. Isso passou. Hoje, a terceira idade pratica (à maneira deles) o vôlei, um dos esportes que até então eram exclusividade dos "jovens" devido ao teor competitivo. Apesar disso, o pouco contato físico facilita a adaptação do esporte para os maiores de 50 anos.

Ainda assim, as tradicionais partidas de buraco, damas, sinuca, bocha ainda são maioria entre esse público, que um dia foi a voz do Brasil.

Experiência. Os problemas enfrentados, quando de frente, forjam as condutas. Sem comprimidos, nem analgésicos. É na aceitação do por que passamos certas situações e a tentativa de compreendê-las que reside o crescimento. A matéria de capa é uma lição de vida inestimável, onde o ser humano reflexivo e experiente impõe silêncio diante de qualquer reclamação. A vida é fácil, os contratemplos menores e a grama do outro pode ser mais verde, mas na maioria das vezes não enxergamos o tanto de adubo que tem ali.

No Colóquio a apresentação de mais um Inconfidente. A idade pouca, mas com muita bagagem. No estudo, milhares de

anos de questionamentos. A idéia de que, no caminhar, o que importa é a própria bússola. Ela aponta para o buracos e muros que devemos passar. Sendo grunge ou não, na cervejaria ou na sacristia, seja você.

A versão impressa continua latente, não desistiremos fácil. Tivemos um mês de muito trabalho para manter a casa aberta. Descobrimos parceiros. Aprendizados edificantes com uns e o prêmio de sermos nós mesmos reconhecidos nos outros. Não há valor no mundo que pague um aperto de mão sincero.

Paciência é uma virtude, persistência é jornalismo.

CIDADE SILENCIOSA

Marcelo Dias



Árvore tombada.

ESQUIZOFRENIA SUÍNA

De um aluno de primeiro ano do ensino fundamental particular de São Paulo ao ter suas férias prolongadas... "Por que São Paulo não adia todos os jogos do Brasileirão em São Paulo?"

VENDE-SE

Agora entramos na onda do "jornalismo de aluguel". Vendemos matérias pelo melhor preço do mercado. Ofertas imbatíveis! Confira:
(Produto: Preço)
Matéria de Capa: Cidadania.
Artigo que favoreça a reflexão do público: Interesse público de caráter altruísta.
Matéria Interna: Vontade de mudar o local em que se vive.

Colóquio: Personagens interessantes e histórias relevantes.
Criar uma nova seção no Jornal: Demonstrar interesse cívico e cara de pau suficiente para vir falar com os jornalistas insanos deste jornal.

Obs.: As chances de mudança na tabela de preços é zero. Ela estará congelada até 20 de dezembro de 2012 (quando fugiremos para o centro da Placa Tectônica Sul Americana a fim de evitarmos o cataclisma anunciado daquele ano).

Adote um Jornal!

BANCO REAL
 AGÊNCIA 0742 - CONTA CORRENTE 1744843-3

Expediente
Repórteres: Leonildo Trombela Junior • Marcelo Dias • Mariana Lellis Pizzi • Willian Rodrigues
Publicação: DIAS & TROMBELA LTDA - ME CNPJ: 10.714.794/0001-09
Redação: Rua Álvares Cabral, nº 469. Edifício Antônio Diederichsen, Sala 122 - Centro - Ribeirão Preto - SP
Contatos: Redação (16) 3289-0708 • Depto. Comercial - Thaila Neli (16) 3289-0709
Revisão Ortográfica: Sabrina Galli • contato@inconfidenciariibeirao.com • Edição online.
 *As opiniões expressas em artigos e colunas assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

anuncie aqui!
 16.3289.0709

perguntaomonge@inconfidenciariibeirao.com

REGRAS DE SEGURANÇA NO TRABALHO

A distração é um dos maiores fatores de acidentes. Trabalhe com atenção e dificilmente se acidentará.
 A oficina é lugar de trabalho. As brincadeiras devem ser reservadas para horas de folga.
 Seus olhos não se recuperam depois de perdidos. Use óculos protetores sempre que o seu trabalho o exigir.
 A pressa é companheira inseparável dos acidentes. Faça tudo com tempo para trabalhar bem e com segurança.
 Quando não souber ou tiver dúvida sobre algum serviço, pergunte ao seu mestre ou capataz, para prevenir-se contra possíveis acidentes.
 As suas mãos levam para casa o alimento para sua família. Evite pô-las em lugares perigosos.
 Não deixe tábuas com pregos espalhadas pela oficina, porque podem ser causa de sérios acidentes.
 Comunique ao seu chefe toda e qualquer anormalidade ou defeito que notar na máquina ou ferramenta que for utilizar.
 Não improvise ferramentas, procure uma que seja adequada para seu serviço.
 Lembre-se que você não é o único no serviço e que a vida de seu companheiro é tão preciosa quanto a sua.
 Utilize em seus trabalhos ferramentas em bom estado de conservação, para prevenir possíveis acidentes.
 Não fume em lugares onde se guardam explosivos e inflamáveis.
 Coopere com seus companheiros em benefício da segurança de todos e siga os conselhos de seu chefe ou feitor.
 O hábito de usar cabelos soltos durante o serviço tem dado causa a graves e irreparáveis acidentes. Use touca protetora quando seu trabalho reclamar.
 Manda a lei que o seu patrão forneça os equipamentos de proteção que você necessita para o trabalho, mas

você também está obrigado a usá-los, para prevenir acidentes e evitar as doenças profissionais.
 Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.
 Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.
 Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.
 Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.
 Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.
 Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.
 As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.
 Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.
 Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.
 Conversa e discussão no trabalho predispoem a acidentes pela desatenção.
 Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.
 Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.
 Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.
 Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.
 Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.
 Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.

MONGE, JÁ REPAROU QUE O TEXTO "REGRAS DE SEGURANÇA NO TRABALHO", PRESENTE EM TODAS AS CARTEIRAS DE TRABALHO ESTÁ COMPLETAMENTE DESATUALIZADO? REMETE A UM TEMPO EM QUE O TRABALHADOR BRASILEIRO ERA UM REPETIDOR DE FUNÇÕES MECÂNICAS E SÓ! (BINA GALLI, DA REDAÇÃO)

A criação da Carteira de Trabalho e Previdência Social ocorreu no ano de 1932, através de um decreto emitido pelo presidente em exercício e "pai dos pobres" por vocação, Getúlio Vargas, que gostou tanto do exercício que resolveu estendê-lo por mais alguns anos, mas isso já é outra história. Era época de industrializar o país, já seguindo o modelo relativamente novo (na época) da linha de montagem criada por Henry Ford nos EUA. Desde aquela época, as leis trabalhistas brasileiras sofreram poucas mudanças. No próprio texto da CT a data mais recente encontrada é 1967, ano em que surgiu outro decreto que alterava dispositivos presentes em mais outro decreto de 1943, que consolidava as leis trabalhistas de 1932. Passados mais de 40 anos desde a última atualização da carteira, é de se perguntar

se a atuação do trabalhador não mudou nada nestas quatro décadas, já que seu principal registro, a "carteira de identidade" do trabalhador, não sofreu alteração nenhuma.

As Regras de Segurança no Trabalho apresentadas na CT, por exemplo, alertam o trabalhador dos riscos que ele corre quando lida com materiais perigosos e máquinas que não o respeitam; orientam-no a utilizar as ferramentas adequadas e a prevenir acidentes por motivo de conversa no ambiente de trabalho. São como uma programação para as pequenas máquinas de carne e sangue que vão manipular as grandes máquinas de metal. Supostamente então são regras a serem aplicadas a todas as profissões, mesmo aquelas menos dadas ao Fordismo, como secretárias, taxistas, jornalistas e vendedores, já que todos compartilham da mesma carteira de trabalho. Fácil para que patrões, governos, sindicatos e corporações continuem a tratar o trabalhador da maneira mais cômoda, ignorando o indivíduo que colocou sua foto e sua assinatura naquele documento para provar que ele também é um trabalhador.

Dúvidas existenciais? Pergunte ao Monge que ele responde! Qualquer coisa. Mesmo.

ENTRELINHAS

O Portão

ROBERTO CARLOS

Eu cheguei em frente ao portão
 Meu cachorro me sorriu latindo
 Minhas malas coloquei no chão
 Eu voltei!

E eu falei!
 Onde andei,
 Não deu para ficar
 Porque aqui,
 Aqui é meu lugar

Tudo estava igual
 Como era antes
 Quase nada se modificou
 Acho que só eu mesmo mudei
 E voltei!

Pras coisas que eu deixei
 Eu voltei!

Sem saber depois de tanto tempo
 Se havia alguém a minha espera
 Passos indecisos caminhei
 E parei!

Eu voltei!
 Agora pra ficar
 Porque aqui,
 Aqui é meu lugar
 Eu voltei pras coisas
 que eu deixei
 Eu voltei!

Quando vi que dois braços abertos
 Me abraçaram como antigamente
 Tanto quis dizer e não falei
 E chorei!

Fui abrindo a porta devagar
 Mas deixei a luz
 Entrar primeiro
 Todo meu passado iluminei
 E entrei!

Eu voltei!
 Agora pra ficar
 Porque aqui,
 Aqui é o meu lugar
 Eu voltei!
 Pras coisas que eu deixei
 Eu voltei!

Meu retrato ainda na parede
 Meio amarelado pelo tempo
 Como a perguntar
 Por onde andei?

Eu parei em frente ao portão
 Meu cachorro me sorriu latindo!

anuncie aqui!

16.3289.0709

"O APITO DO TREM"

Cléa Carolina

Que som, estridente!
 Onde é que ele vem
 Trazendo, também,
 Meu último sonho
 Na doce manhã?

Então, de repente,
 Me vejo acordada
 Correndo num vale,
 Passando por pontes,
 Contornando fontes,
 Subindo a colina
 Ouvindo, menina,

O apito do trem...

Rib.Preto, agosto/2002

50 coisas para fazer se estiver entediado na fila do banco
 (retirado do Blog "Não Salvo" em www.naosalvo.com.br,
 autor desconhecido)

1. Teste o extintor de incêndio da agência.
2. Leve um aparelho de som 3X1 e coloque música gospel nas caixas.
3. Barbeie-se / depile-se.
4. Imita o ruído de fogos de artifício quando o caixa atender alguém.
5. Conte uma piada sem graça e ria sozinho.
6. Insinue que a grávida que está na fila do Caixa Preferencial usa barriga postiça.
7. Compre um saco de pururucas e mastigue.
8. Venda rifa.
9. Leia em voz alta os folhetos de propaganda do banco.
10. Use um dos balcões para fazer abdominais, repetindo: "um, dois!"
11. Toda vez que o painel de senha mostrar um número, repita-o em voz alta.
12. Peça dinheiro emprestado ao vizinho.
13. Mantenha-se de costas para a pessoa à sua frente.
14. Peça para guardarem seu lugar e, ao voltar, passe na frente de quem guardou.
15. Toque o jingle do banco com a boca, imitando um trombone.
16. Sempre que o caixa validar um documento, imite o ruído de uma máquina registradora.
17. Leve um apito e toque-o sempre que a fila andar.
18. Informe as horas, minuto a minuto, seguido do slogan do banco.
19. Quando alguém não conseguir fazer uma operação no caixa eletrônico, murmure: "OSTRA".
20. Doble, em voz alta, o caixa dizendo a um cliente que o saldo dele está negativo.
21. Quando a fila andar, finja que está cochilando.
22. Faça "din-don" sempre que uma pessoa entrar na fila.
23. Encoste o dedão à esquerda das costas da pessoa à sua frente. Quando ela se voltar, vire bruscamente a cabeça para a direita.
24. Brinque de puxa-cueca com o colega da frente.
25. Cante uma da Jovem Guarda e diga: "TODO MUNDO COMIGO, SHA-LÁ-LÁ-LÀ!"
26. Passe um abaixo-assinado contra a política de juros altos.
27. Minta que há um caixa disponível, e sem fila, no andar de cima.
28. Espalhe que a senhora gorda, lá do fundo, tem uma arma na bolsa.
29. Pergunte se alguém quer ser sua testemunha num processo contra o banco.
30. Coma uma fatia de melancia e saia da fila toda hora para cuspir os caroços.
31. Veja com o segurança se ele deixa você dar uma olhadinha no revólver dele.
32. Pergunte ao caixa por que eles cospem no dinheiro quando vão contá-lo.
33. Conte histórias de assalto a banco.
34. Pergunte a um atendente aonde fica o caixa-forte.
35. Acenda um cigarro de palha.
36. Promova uma "ola".
37. Monte um aviãozinho de papel e jogue na mesa do gerente.
38. Se um carro forte chegar, cantarole o tema de "Os Intocáveis".
39. Ensine um colega de fila a fazer massagem cardíaca.
40. Pergunte se alguém quer ser seu fiador.
41. Escreva numa folha de papel: "IDIOTA NÚMERO 107" e fique segurando.
42. A cada cliente atendido, puxe uma salva de palmas para o caixa.
43. Ria descontroladamente das pessoas que ficam presas na porta giratória.
44. Lembre aos outros o que poderiam estar fazendo se não estivessem ali.
45. "Por que bancos gastam tanto com propaganda e nada com caixas?"
46. Leve uma marmita e almoce.
47. Na hora que um dos caixas sair para almoçar, berre: "PEGA!"
48. Coma uma goiaba.
49. Ofereça-se para segurar a pilha de documentos de um boy e derrube-a no chão.
50. Quando chegar sua vez de ser atendido, puxe um longo discurso do bolso e leia.

Ou você pode imprimir a Lei Municipal 10.122/04 no endereço <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/leis/pesquisa/ver.php?id=7369&chave=> e toda vez que enfrentar tempo maior que os previstos ligar para o PROCON (3632-0041/3636-7391). E lembre-se de guardar a senha da fila para que possa comprovar o tempo de espera!

ARTIGO

Leonildo Trombela Junior

Star Wars Básico I

Já dizia o Mestre Yoda que o lado sombrio da Força (uma espécie de "poder sobrenatural" da história da franquia "Star Wars" que tanto pode pender para o bem, como para o mal) é o caminho mais fácil de ganhar o poder. Não só há muito tempo atrás, em uma galáxia muito muito distante as coisas são assim. Neste tempo e nesta galáxia, inúmeros exemplos já mostraram que a velocidade de ganho do poder é proporcional à velocidade em que você o perde.

Para ilustrar, vamos considerar o lado sombrio da Força representado nas figuras da politicagem e da corrupção (corriqueiramente os dois se confundem, quando não são dados por sinônimos):

- Um sujeito X segue sua vida pacata e honesta. Pratica o que ele considera o correto. Até que um dia, chega uma proposta de dinheiro e poder fácil. É aí que começa a grande saga de nossas vidas: enfrentar nossos piores demônios. Pôr em prática os ensinamentos dos velhos mestres da sabedoria que desde criança nos diziam que o mal é o errado e o bem é o correto.

Logicamente, nós todos como crianças tolas que ainda somos, só vemos o triunfo do mal na hora de ponderar. Os bandidos do colarinho branco impunes e ricos, profissionais inescrupulosos

subindo aos mais altos cargos das empresas, e por aí vai. Essa é sempre a parte visível. O status sempre tem destaque aos nossos olhos. Jamais vemos a filha lésbica do senador que se suicida na frente do próprio pai, usando o paletó do pai e atribuindo ao próprio a culpa por ela estar fazendo aquilo. Tampouco vemos o político de origem árabe que é preso na mesma cela que seu próprio filho se sentir humilhado. Nós só vemos castelos, nepotismos e orgias. Talvez no fundo desejamos o mesmo para nós.

Em resumo, o imoral, indecente e ridículo é como uma ejaculada precoce proposital: você vai conseguir o que quer, antes de todo mundo e do jeito mais fácil possível; de forma que as demais pessoas o acharão um egoísta; mas quando elas estiverem se divertindo, elas não mais verão seu estado de marasmo e derrota. Você será passado.

Seria hipocrisia dizer aqui que seguir o caminho Jedi (ou seja, ser sempre o bonzinho) não tem também seus contras. De fato tem. Tudo virá mais demorado. Você lutará milhares de vezes mais para conseguir o que os "sombrios" demorariam. Será muito mais difícil. Mas no fim você poderá fazer algo que nenhum deles jamais fariam: relaxar e gozar.

HUMOR INCONFIDENTE

Ferreirinha



anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

Transporte Público-Privado II - Continuação

Globalização. Para a integração das pessoas através do mundo e, é claro, da cidade, a comunicação e o transporte são carro-chefe. Sem ambos, os processos que sustentam a realidade atual seriam atrofiados. Comunicação não falta, mesmo que, algumas vezes, ela não se dê aconteça da forma ideal. No entanto, o transporte não só deixa a desejar, mas também prejudica os cidadãos nos pontos por não poderem que não podem pagar o valor nada democrático da tarifa. O ex-secretário municipal de transportes de São Paulo, Lúcio Gregóri, em intenção de democratizar o acesso ao Transporte Público criou o projeto Tarifa Zero segundo o qual seria criado um imposto para os ricos com a finalidade de arcar com os custos do transporte para os pobres. Na visão do ex-secretário, é um direito assim como a escola pública.

(Inconfidência) O transporte público gratuito poderia ser aplicado em qualquer lugar do país?

(Lúcio Gregóri) Sim. Pode ser aplicado em qualquer cidade. A pergunta me lembra que existe muito tabu em relação ao transporte gratuito, isto é, pago indiretamente. Seria como perguntar se a iluminação pública gratuita (como é) pode ser aplicada em qualquer lugar do país.

O modo pelo qual cada município o fará depende de cada situação. A próxima pergunta versa sobre essa questão.

(Inconfidência) A Reforma Tributária seria o caminho ideal para abrir caminho para isso?

(Lúcio Gregóri) Depende de cada local. Na cidade de Hasselt, na Bélgica, onde o transporte é gratuito desde 1997, os três níveis de governo colaboram para a gratuidade através de uma espécie de convênio. Existem prefeituras cuja arrecadação permite a gratuidade, ou seja, o município pode pagar o transporte público com o seu orçamento. É o caso de municípios que recebem royalties por exploração de riquezas minerais ou municípios que, por características específicas, têm orçamentos folgados. Em outros casos, será necessário ampliar a arrecadação através de uma reforma tributária. Nada muito escandaloso num país em que está mais do que comprovado que os de menor renda pagam, proporcionalmente, mais impostos. Estudo recente do IPEA mostra isso.

O ideal será a instituição da taxa transportes. Por ela, indústria, comércio e serviços pagarão uma taxa, progressiva, para auxiliar a implantação de um fundo para bancar a gratuidade. Muito justo, pois quem se beneficia do transporte público, que garante o acesso ao trabalho ou fruição dos serviços dos seus funcionários e usuários, são esses setores da sociedade. Só que quem paga é o funcionário ou usuário.

O vale transporte é limitado e ainda por cima é uma renúncia fiscal do governo. Ou seja. Todos pagam, igualmente, por essa re-

núncia fiscal.

(Inconfidência) Qual o principal obstáculo para a implantação desse projeto?

(Lúcio Gregóri) É difícil caracterizar o principal obstáculo. Diria que, no âmbito dos valores, é o tabu incutido por anos e anos de que o transporte público deve ser pago pelo usuário, suposto grande beneficiado pela sua utilização. Esse tabu no âm-

bito dos valores subjetivos, dos mais robustos que conheço, provavelmente é fruto de uma disputa pelos recursos públicos ao longo do tempo. Um custo que deveria ser internalizado pelos setores antes indicados, foi socializado para os usuários. Uma disputa econômica como tantas outras na nossa sociedade. Mas transformada em tabu. Como se fosse interdito (proibido) pensar, falar e propor tal coisa.



SINAPSE OCULTA

Diploma de jornalismo, não vale?

Recentemente tivemos a queda da obrigatoriedade de um diploma de jornalismo para exercer a profissão (como na França, Alemanha, Estados Unidos, Japão, etc.). Alguns jornalistas e estudantes do jornalismo organizaram protestos, pintaram a cara e colocaram nariz de palhaço e foram para as ruas, se auto nomearam palhaços. Tudo bem, todos temos liberdade de expressão.

Algumas questões: (1) A não obrigatoriedade do diploma causaria um desastre literário e queda na qualidade e confiabilidade das notícias? (2) A não obrigatoriedade do diploma desqualifica quem tem diploma, assim ter um diploma não serve mais para nada?

Nós psicanalistas convivemos com rumores de um questionamento bem parecido: Regularizar ou não o profissional psicanalista? Sobre isso, no meu blog, temos alguns textos que podem ajudar. O que pessoalmente acredito, no caso da psicanálise, é que a nossa área ganha muito ao ter, em seu exercício, profissionais das mais diversas formações (filósofos, biólogos, psicólogos, médicos, jornalistas, etc.) que contribuem com diferentes pontos de vista, adequados ou não.

De fato, tal não regulamentação do exercício permite que um "fulano de tal", sem a mínima formação, abra um consultório, com uma placa luminosa "Psicanalista Aqui" e exerça a profissão. Sem problemas. Acredito que o "fulano de tal", desistirá na primeira semana, pois a clínica psicanalítica não se sustenta sem formação sólida e continuada, análise pessoal e supervisão de casos clínicos. Ou seja, a formação é necessária e fundamental para o exercício, e não apenas um certificado, um diploma na parede (vemos psicólogos recém formados, com o número de CRP, que pregam o diploma na parede, e depois de algum tempo percebem que precisam aprofundar-se numa formação

específica, pois não sustentam a atividade clínica.)

Mesmo não sendo regulamentada por órgãos federais ou estaduais, a psicanálise é conhecida mundialmente por seu rigor e confiabilidade. As próprias sociedades, núcleos, grupos etc. se encarregam da formação que, a meu ver, é feita artesanalmente, com um alto grau de pessoalidade e amparo. Não há faculdade de psicanálise que vomite 40 psicanalistas por ano no mercado de trabalho.

Quanto à questão acima numerada como (2), penso que o diploma nunca valeu nada. O que vale é a qualificação que o sujeito obteve no tempo em que esteve no curso. Por isso, uma pessoa formada em uma faculdade não tão bem conceituada pode ser um profissional melhor preparado que outro profissional formado em uma faculdade nota 10.

O que percebo é que os jornalistas, naturalmente, têm medo. Como se pensassem: "Nossa, agora alguém vai roubar meu emprego"; "qualquer um pode roubar meu emprego", "as filas para emprego de jornalistas vão se encher de médicos, psicólogos, engenheiros etc."

Ouvi uma manifestante, com nariz de palhaço, dizendo: "E eu? Que pago mil reais de uma faculdade de jornalismo? Meu diploma não vai valer nada?". Para essa manifestante, sugiro que volte ao primário, pois parece que não conseguiu entender do que se trata.

Um diploma não garante nada. Consiste numa ilusão de que uma entidade toda poderosa consegue fiscalizar, organizar e garantir 100% alguma prática humana. O jornalismo está livre agora de pessoas que compram um diploma, e passa a dar espaço para outras pessoas com vocação e necessidade de se expressar. Obviamente, o curso de jornalismo continuará sendo concorrido, essencial e fascinante; e uma sólida formação valerá muito mais do que antes.

anuncie aqui!

16.3289.0709

Luis Fernando S. de Souza Pinto é biólogo, psicanalista e faz parte do Grupo Verde (grupo de divulgação e popularização da ciência).

email: luisfernandosp@gmail.com / blog: www.sinapseoculta.blogspot.com

O SEMINARISTA GRUNGE

Nome completo, idade...

Leandro Cegantini Ferreirinha, 23 anos.

Como nasceu o Ferreirinha?

Primeiramente da maneira técnica do sobrenome do meu pai. Mas o Ferreirinha pessoa vem de uma série de experiências, às vezes até totalmente contrárias umas das outras, ao longo de poucos anos muito bem vividos. Cursei até o segundo ano de Filosofia, quando estive no seminário, aqui em Brodowski.

Você veio de que cidade?

Esse negócio de vir de algum lugar é complicado. Estou indo e vindo o tempo todo. Nasci em São Paulo, com um ano e meio vim para cá e fiquei até os seis anos na cidade. Depois morei em um sítio em Serra Azul. Aquela coisa do menino da metrópole que vai morar numa cidade pequena, depois vai para o campo. Tive uma formação de roça, na lida, tirar o leite, tudo. Morei ali até os quinze anos, quando começou aquela coisa da adolescência. Não me dava bem com meu padrasto. Sempre fui o respondão, que queria saber o porquê de tudo. Não aceitava ser reprimido sem saber porque o estava sendo. E mesmo sabendo, se não concordasse continuava batendo de frente. Existia também a figura da arte, porque sempre me expressei pelo desenho. Meu mundo particular.

Você criava esse mundo?

Isso. Sentava com uma folha, um giz. Acabava o giz, desenhava na parede... aquela coisa bem Renato Russo "acaba o giz, tem tijolo de construção...". Achava engraçado, pois na escolinha a professora dava aula de desenho e todo mundo fazia o famoso círculo com os traços se cruzando para fazer os homenzinhos. E eu já queria fazer o corpo com volume, os dedinhos, e brigava com eles "Tá errado, não é assim!". E a professora brigava comigo porque eu não podia fazer aquilo!

Era obrigado a desenhar igual aos outros?

É! Eles ficavam chateados por não conseguirem fazer, e eu também ficava por eles. Porque pra mim era tão natural... Não que me achasse melhor, não me sentia e até hoje não me sinto. Pelo contrário, acredito que isso faça parte da sociedade, os mais talentosos são reprimidos a agirem igual a todos por conta dos outros, para que não se sintam incapazes. Tem um misto de repressão e admiração. Expressar-se é, de uma certa maneira, um desenhar. Como aquela frase "Entendeu? Quer que eu desenhe?". Quando uma pessoa desenha bem, se expressa bem, há pessoas que entendem e admiram. Já existem outras que não admiram ou entendem, e acabam por atacá-las indiretamente. Como a professora fazia, era muito mais fácil me colocar na fôrma do que fazer todo mundo crescer junto, evoluir.

Prefere fazer o fácil a fazer o certo...

Isso, eu compliquei um pouco a explicação, mas é isso aí.

E na adolescência, juventude?

Era revoltado. Anos 90, a molecada saía, brincava, ficava todo mundo na rua. Minha vida não era assim. Minha mãe reprimia muito essa questão: era estudar e trabalhar. Na hora de trocar experiências na escola, não conseguia falar com ninguém, porque meu mundo era tão diferente... Ouvia "Sábado fui brincar na praça, sábado fomos ...", e eu "Sábado eu fiquei em casa lendo...". Era praticamente um nerd, não por escolha própria, mas por imposição. Como acreditava que não poderia ser nada mesmo, comecei a pensar em ser padre e fui pro seminário. Foi a melhor escolha da minha vida. Não

me tornei um, mas a experiência que tive... Lá eu era livre, existiam pessoas próximas da minha realidade, que conversavam comigo. E a expansão mental quando tive contato com a filosofia... Quem se propõe a estudar, se apaixonou e não vive mais da mesma maneira, de jeito nenhum.

Em que sentido?

A possibilidade de passar a enxergar em profundidade. É tão bonito essa experiência que acontece a cada dia. Um maravilhar-se novo quando se descobre que aquele lago é profundo, sobre aquela sociedade em que você vive, tudo tem entrelinhas. E para um garoto de 15 anos descobrir isso de uma hora pra outra... No seminário você tem contato dia e noite com padres que são psicólogos, professores de literatura, latim, grego. É uma realidade diferente de quem está fazendo colegial. Eu aprendi mais com a convivência do que com os estudos mesmo.



E depois do seminário?

Saí porque já não me bastavam só aquelas experiências. Foi uma coisa meio trágica. Tem a ver com o celibato, os hormônios estavam explodindo e é difícil na juventude desejar e querer tudo aquilo que todo jovem deseja e quer. Foi difícil. Acabei sendo tão fiel ao celibato que foi uma faca de dois gumes. No seminário, eu era o cara louco, todos lá eram já minipadres. Não me vestia com roupas boas e novas. Estava sempre com roupa surrada, largada, aquela coisa grunge. Um seminarista grunge. Mas eu passava despercebido, se não me perguntassem ninguém saberia que era seminarista. Na escola, eu tinha muita amizade com as meninas. Porque eu não tinha aquele interesse, segundas intenções. Demorou muito para despertar minha mente para questões hormonais de afetividade no sentido de sexo. Até porque a sexualidade é muito mais ampla do que simplesmente menino e menina. É um leque muito aberto. Todos os relacionamentos humanos envolvem um nível de sexualidade. Mas eu chegava perto das meninas e queria absorver informação, descobrir como era o outro ser humano e elas se maravilhavam com isso. "Ah, que legal, ele não quer ficar só perto de mim porque sou bonitinha. Ele quer me ouvir!". Curtíamos o mesmo tipo de música, essas coisas. Porque às vezes o cara se sente um ET e acha que tem que entrar em um seminário. E tem quem faça seminário e ache que deve ser um ET. E eu tentava quebrar isso. Isto causava desconforto entre meus colegas de seminário. Foi maldade mesmo, um complô. Armaram uma fofoca para o reitor sobre eu estar namorando. E o reitor era meu confessor, como um pai. Ele acreditou na fofoca, não em mim. Depois disso, fui embora. Passei um ano entre Serra Azul e Ribeirão, e depois fui pra São Paulo.

Com quantos anos?

18. Foi a fase da loucura. Eu queria todos os meus 16 anos ali, nos 18.

Foi quando teve a banda punk?

Sim, teve a banda! A molecada lá era legal...

Qual era o nome da banda?

A banda não tinha nome!

Isso é punk!

Era punk, depois levamos hardcore. Galeria do rock direto, fui barman, garçom.

Morava onde lá?

No centro, numa mega república na Avenida Brasil. Eram uns cinco em cada quarto. Mas o síndico era nosso amigo. Tinha uma sala enorme, que às vezes era quarto. Era barman em duas boates, uma ficava aberta durante o dia e outra durante a noite. Eu revezava, dia sim e dia não em uma, e todo dia na outra.

no seu quarto, antes de dormir, sonha com isso e vive 24 horas filosofia. E sempre acha alguém no refeitório, um professor tomando um cafezinho, com uma visão diferente ou igual a sua. Tinha um professor lá chamado Zé Luís. Sabia de tudo, grego, aramaico, e dizia que todos deviam ir além dos textos e das traduções. Daí a importância de se conhecer as línguas mortas. Porque quem traduziu interpretou alguma coisa. Ler os textos originais sempre é melhor. E a filosofia te obriga a buscar sentido, e toda vez que eu buscava, começava a desenhar. Meus cadernos eram só quadrinhos. Por exemplo, Zenão (filósofo grego) dizia que, para você chegar a algum lugar, deve percorrer a metade da metade do caminho, e depois a metade da metade, e por aí vai. Sendo assim, você nunca vai chegar a lugar nenhum. Porque sempre estará na metade da metade. Um negócio complicadíssimo.

Muito complicado!

Mas é um negócio tão legal. Tem uma historinha do Zenão que fala que a Tartaruga é mais rápida que o Aquiles (personagem da mitologia grega que tinha asas nos pés), o mais rápido da Grécia, porque ela não tem que correr a metade do caminho. Demorei pra entender, mas Zenão quis dizer que você tem que ir além da questão física. O Aquiles, por mais que ele corra, será o Aquiles. E é muito mais complicado você entender o Aquiles do que uma Tartaruga, que é um ser mais simples, mais fácil de entender. A metade da Tartaruga é menor que a metade do Aquiles. E eu fiz um quadrinho com a Lebre (representando o Aquiles) deitada na árvore, a Tartaruga passando correndo, só que a Lebre estava lendo um livro do Zenão. Depois eu escachei, e fiz o Aquiles correndo e a Tartaruga passando ao lado dele de skate. Enquanto todos liam textos e textos, eu via os desenhos e lembrava todo o raciocínio que tinha elaborado, e tirava dez na prova.

A primeira foi a do Zenão?

Não, a primeira foi do Heráclito. Os primeiros que você estuda são os naturalistas. A preocupação deles era explicar o mundo, os fenômenos naturais. Os mitos foram ficando para trás, e o homem buscava uma explicação mais satisfatória para as coisas. O Heráclito dizia que ninguém podia se banhar duas vezes no mesmo rio. Desenhei o Heráclito na beira do rio, enrolado na toalha, com o escovão e a touquinha, esperando outra pessoa que se banhava sair. Ou seja, as coisas são e não são ao mesmo tempo. O rio é, mas não é mais, igual a nós. Somos e não somos. O Marcelo que acordou de manhã, agora não é mais ele. Traz tudo que o outro tinha e acrescentou mais alguma coisa. Não se pode falar que não seja o mesmo, nem que não é. Você é e não é! Fiz também uma do Shakespeare, mas com uma caveira segurando a cabeça de uma pessoa.

Fui ou não fui?

É! E a da madrastra na frente do espelho "Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu? - Existe e não existe, porque você é e não é ao mesmo tempo".

Com esses quadrinhos você foi começando...

A aprender filosofia, me divertindo e gerando o artista dentro de mim. Libertando. Ele estava lá, preso, e depois de toda essa loucura, despertou. Mas sempre tinha aquela pressão de algo que fizesse ganhar dinheiro. Por isso, toda vez que eu falava que queria aprender a tocar violão, cantar, era reprimido. Tanto pela minha mãe como pelo meu padrasto. Uma pessoa muito honesta, justa e que eu gosto muito. Considero como meu pai até hoje, apesar de não ter muito relacionamento. Mas para ele, era legal ver

essas coisas na televisão, agora ter dentro de casa uma pessoa que queria ser artista era estranho. Depois de toda essa experiência espiritual, da volta pro seminário, olhei para os meus desenhos e pensei que até ali havia feito só o que os outros me pediram. Não havia feito o que eu queria. Em São Paulo, naquela loucura, até pensei que estivesse fazendo o que eu queria, mas era mais uma dissociação de corpo e mente. Prazeres. E decidi fazer o que eu queria. Conversei com o reitor, foi muito boa a conversa. Saí do seminário empregado e fui trabalhar em uma fábrica de cerveja e fazer um curso de desenho artístico.

Você fez um curso então?

Descobri que este que fiz não serviu pra muita coisa, vou buscar outros porque preciso aprender técnicas novas. Mas depois de 6 meses, comecei a entrar em depressão. Porque na fábrica havia um estilo fordista de produção, repetitivo. E me perguntava se havia estudado tanto para fazer aquilo. Fui ficando louco! Um amigo padre, vendo minha situação, me chamou para ser sacristão e trabalhar em uma igreja. Consegui ficar um mês, porque tinha que deixar a igreja perfeita, e eu não dava conta. Era muito serviço. A praça onde ela ficava estava sendo

reformada, e era pura terra. Entrei em crise! Não tinha mais tempo e estava trabalhando mais e ganhando menos.

Nada ajudava, nem você em um trabalho fordista e nem dentro da igreja!

Nada. E outro amigo padre me chamou para morar junto com ele. Foi uma experiência muito legal, mas como eu estava nesse torpor de fazer só o que eu queria, não me atentei a certos detalhes, pensei só em mim. Isso agrediu minha convivência com ele e chegou ao ponto de eu ter que sair da casa dele. Aluguei uma casa no centro e comecei a trabalhar em um callcenter, onde conheci um artista plástico. Tinha uma certa experiência com dança, teatro, então fui trabalhar como palhaço. Ele trabalha com isso, faz marionetes e eu aprendi a fazer bonecos. Faço bonecos de desenhos animados, essas coisas. Queria abraçar o mundo com as pernas. Acabei não fazendo nada. Descobri que precisei ir até um extremo para voltar um pouquinho. Entre pensar no outro, pensar em mim, e ter um equilíbrio entre essas duas coisas. Amar a Deus e ao próximo. Se você ama a Deus, você ama a si mesmo. Imagem e semelhança. Por isso, então, amar ao próximo. Ele foi tão esperto que se Ele falasse para se amar diretamente as pessoas não iam interpretar bem.

Ele fez o contrário. Ame-se em Mim para que possa amar ao outro. Nesse “ame em Mim” você não corre o risco de pensar só em você. Se ama a Deus, você conserva o que Ele te deu. Sua vida, seu corpo, isso é se amar. É a minha maneira de interpretar essa situação. Existem outras maneiras, como o altruísmo incondicional de Gandhi, Madre Teresa, São Francisco... Eles se fizeram mal em muitas situações para ajudar o próximo. São exemplos que ocorrem de tempos em tempos para que possamos nos espelhar neles. Até porque, de uma vez não dá! Precisaríamos de 10 planetas Terra pra isso. A humanidade não está preparada para esse tipo de gente. Quando veio o maior deles, mataram!

Você teve uma reticência em enviar os quadrinhos para o jornal pelos problemas que já enfrentou. Como é se libertar disso e tentar confiar novamente?

A experiência de conhecer o jornal e entrar com os quadrinhos, dos quais eu já havia desanimado, me ensinou uma coisa. Tinha e tenho muitas idéias, me assumo como uma pessoa criativa, não é soberba falar isso. Só que não posso guardar essas idéias para mim, elas são para o mundo. Se alguém roubá-las de mim, elas são feitas pra isso, né? Se você as expuser e outra pessoa as usar, tomara

que seja de uma maneira lícita. Colocando o nome embaixo. Tive um problema, enviei para um blog uma série de quadrinhos, e não me responderam. Após dois meses, fui entrar de novo, não sou muito assíduo de internet, e todos os meus personagens tinham ganhado idéias novas, tiras novas, como se eu tivesse dado meus personagens para eles. Não era isso que eu queria, lógico. Queria meu trabalho reconhecido, como todo trabalhador, artista. Quando te conheci, expus tudo isso para uma amiga que também é artista. Ela cria, dança, faz performances. Ela disse “Olha, minhas idéias são para o mundo. Se alguém as roubar, faço outras. Se alguém roubar, é até legal, porque a pessoa estará fazendo algo em cima do que já existe. Eu não: eu crio!”. E aqui, nós estamos trabalhando juntos. Até me considero um Inconfidente: Ferreirinha, o cartunista Inconfidente! É até legal, porque Ferreirinha tem uma alusão mineira e Inconfidente remete a uma certa história de Minas Gerais, com cabeças em pontas de estaca (risos)! Então, por mais que a minha cabeça possa estar em uma ponta de estaca de novo, prefiro colocar minhas idéias para todo mundo, como o cartunista Ferreirinha.

Benvindo!

PUBLICIDADE

www.contabilribeiraopreto.com.br

ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL RIBEIRÃO PRETO LTDA
- Serviços Contábeis em Geral -



Tradição e Confiabilidade desde 1978

Rua Pernambuco, 1610 - Tel/Fax: (16) 3234.3745

email: ocrp@contabilribeiraopreto.com.br